



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18  
outubro  
2019**

## **POR TRÁS DA BANDEIRA VERDE E AMARELA ESCORRE SANGUE: “A CARNE” NO CONTEXTO DO GENOCÍDIO DO POVO NEGRO**

Eliane Souza Pereira  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil  
Endereço eletrônico: [elianespereira@live.com](mailto:elianespereira@live.com)

Roberto C. Mendes dos S. Filho  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil  
Endereço eletrônico: [robertomendes@zoho.com](mailto:robertomendes@zoho.com)

Adriana Maria de Abreu Barbosa  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil  
Endereço eletrônico: [amabarbosa@uesb.edu.br](mailto:amabarbosa@uesb.edu.br)

### **INTRODUÇÃO**

Segundo Compagnon (1999 s. n.), “a literatura aparecia como a última fortaleza contra a barbárie”; o mesmo se diz da música, já que ambas só diferem em aspectos irrelevantes quanto a função de revelar o caos da civilidade. A arte é uma forma de compreender, sobrelevar e superar uma realidade. Nesse viés, Antonio Cândido (2006) apresenta uma correlação entre a arte e a situação axiomática social. Diante disso, iniciamos o estudo da hodierna condição social, percebida pela interpretação da música “A carne”.

Composta em 1998 por Seu Jorge, Marcelo Yuka e Ulisses C i9appelletti, sendo posteriormente regravada por Elza Soares – “Cóccix até o pescoço”, 2002 – “A carne” permite compreender a falsa democracia racial na barbárie civilizada da população brasileira, evidenciando como essa igualdade fictícia oculta o genocídio do povo negro em um racismo institucional não declarado. A partir disso, o objetivo deste estudo é traçar uma relação entre a música e a problemática social apresentada no Brasil, com a intenção de denunciar a selvageria humana guiada pelo preconceito. Dessa forma, apresenta-se uma breve análise das estruturas de extermínio produzidas pela desigualdade racial no país, utilizando como parâmetro a música citada inserida no contexto de dados e pesquisas realizadas a respeito do tema.



## **METODOLOGIA**

Visando explicitar as raízes históricas do genocídio negro e suas demonstrações no cotidiano, o presente trabalho utiliza como metodologia a abordagem analítica de dados e fatos com base referencial teórica na Análise do Discurso Crítica (ADC) – ferramenta de leitura –, trazendo-a ao contexto da música estudada.

Sendo a língua, e, por conseguinte, a comunicação um fato social, sua análise diacrônica nos permite afirmar que todos os discursos sociais hegemônicos sobre as mais variadas temáticas estão carregados de uma ideologia e de uma construção histórica, pois, segundo Van Dijk (2010)

“[...] ao reconhecer o controle exercido sobre os mais fracos no domínio socioeconômico (dinheiro, empregos, serviços de assistência social) um componente importante do exercício e da manutenção do poder é ideológico e baseia-se em vários tipos de aceitação, negociação, contestação e consenso. Torna-se crucial, desse modo, analisar o papel estratégico do discurso e de seus agentes (falantes, escritores, editores e assim por diante) na reprodução dessa forma de hegemonia sociocultural.” (grifo nosso)

Deste modo, através do exame da letra de ‘A carne’, se buscará traçar um paralelo entre as narrativas discursivas e ideológicas discriminatórias ao longo do tempo e a determinação da existência do genocídio negro no Brasil.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A música, constituída como produto cultural, reafirma sentimentos de pertencimento, elaborando a identidade de determinados grupos. Tal expressão artística viabiliza o encontro com a representatividade, assim como a produção de reflexões e denúncias capazes de romper com pensamentos tradicionais preconceituosos, já que, como afirma Sekeff (2007), “a música envolve dimensões afetivas, cognitivas, históricas, ideológicas, sociais e individuais elaboradas de forma peculiar”, sendo capaz de expressar particularidades e coletividades. A terra do nosso país é cenário de grandes barbaridades contra a população negra desde a época da colonização. O racismo instalou no solo brasileiro a perpetuação do genocídio dos povos negros, iniciado no sequestro e deslocamento de milhões de pessoas trazidas como escravas para o Brasil.

Os processos que nos trouxeram ao atual contexto de marginalização e



silenciamento da população negra foram constituídos ao longo da história. Paulatinamente, foram negadas a toda uma população a humanidade, a cidadania e por consequência, uma infinidade de direitos. A solidificação da citada construção histórica concebeu no seio da sociedade o estigma do preconceito que, das mais variadas formas, mata.

O conjunto das mortes geradas pelas vertentes assassinas representa o genocídio - aqui analisado junto de 'A Carne' - que, numa definição mais ampla dada pela Organização das Nações Unidas, pode ser entendido da seguinte forma

Artigo 2.º Na presente Convenção, entende-se por genocídio os atos abaixo indicados, cometidos com a intenção de destruir, no todo ou em parte, um grupo nacional, étnico, racial ou religioso, tais como:

a) Assassinato de membros do grupo; b) Atentado grave à integridade física e mental de membros do grupo; c) Submissão deliberada do grupo a condições de existência que acarretarão a sua destruição física, total ou parcial; d) Medidas destinadas a impedir os nascimentos no seio do grupo; e) Transferência forçada das crianças do grupo para outro grupo.

Dissimulada, a discriminação – raiz e essencial elemento do genocídio – produz efeitos na construção ideológica da identidade do ser. Esse fato se deixa transparecer no verso “*e esse país vai deixando todo mundo preto e o cabelo esticado*”. Em razão disso, concorda-se com Nascimento e Munanga quando:

“Cultura africana posta de lado como simples folclore se torna um instrumento mortal no esquema de imobilização e fossilização dos seus elementos vitais. Uma sutil forma de etnocídio. Todo o fenômeno se desenrola envolto num aura de subterfúgios, e manipulações, que visam mascarar e diluir a sua intenção básica, tornando-o ostensivamente superficial (NASCIMENTO, 1978, p. 119).

Apesar de ter fracassado o processo de branqueamento físico da sociedade, seu ideal inculcado através de mecanismos psicológicos que não poderia explicar ficou intacto no inconsciente coletivo brasileiro, rodando sempre nas cabeças dos negros e mestiços (MUNANGA, 1997, p. 8).

O racismo, forma real de discriminação aos negros, é estrutural, ou seja, afeta todas as áreas da vida. Assim, de forma ambígua ele é escancarado nas ações, mas nas declarações se torna sorrateiro e disfarçado nos discursos do cotidiano. Como afirma



Stuart Hall, “ao contrário da evidência superficial, não há nada simples na estrutura e nas dinâmicas do racismo” (2005), estando, dessa forma, o mesmo presente na linguagem, na forma de pensar e agir, e dentro de toda a cultura.

O verso “*a carne mais barata do mercado é a carne negra, que vai de graça pro presídio, e para debaixo do plástico*”, pode ser entendido como a denúncia do encarceramento e da morte física da pessoa negra - formas de materialização do genocídio. O alto índice de homicídios, o encarceramento em massa, o baixo nível de escolaridade e renda e a presença maior de pessoas negras nos subempregos, marcam o genocídio no Brasil. O genocídio negro também se manifesta nas ações, mandos e desmandos estatais na área da segurança pública. Segundo o Mapa da violência realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), no Brasil, pessoas negras representam 73% das mortes em decorrência de homicídios

Adorno (1996) indica que a passagem para o regime democrático não findou a construção da desigualdade racial no âmbito da justiça criminal. Ratifica-se essa afirmação quando se observa a população negra encarcerada, que somam mais de 61% dos presos no Brasil, segundo dados levantados pelo IPEA. Juliana Borges declara que

O nosso sistema de Justiça criminal reforça, reproduz e intensifica o genocídio da população negra, porque antes da morte física, você tem a morte simbólica. A pessoa encarcerada passa a ter relação com o tráfico e muitas não tinham nenhuma relação (BORGES, Juliana, 2018).

A escolaridade dos encarcerados evidencia onde se iniciou o processo genocida, vez que os dados apontam cerca de 50,5% de pessoas presas com ensino fundamental incompleto, enquanto que os de nível superior completo somavam apenas 0.04%. (dados IPEA). Ainda se verifica nesse levantamento que a maioria das condenações e acusações de réus presos versam sobre crimes relacionados ao tráfico de drogas. O dado chama atenção para a fictícia “guerra ao tráfico” – inexistente, por se mostrarem ausentes estratégias de controle –, utilizada para legitimar homicídios e encarceramento em massa da população negra.

O sangue negro também corre, em outras vias da violência estatal, pela “violência obstétrica” – nomenclatura não mais utilizada pelo MS –, pois, segundo a Fundação Osvaldo Cruz (Fiocruz), baseada em dados do Ministério da Saúde, 60% das



mulheres mortas ao dar a luz pelo SUS são negras. Além disso, mulheres negras também somam, de acordo com o COFEN e o Programa Pró-Equidade de Gênero e Raça do Senado Federal, maior número quando se tratam de vítimas do aborto clandestino e da violência no trabalho.

“*Que vai de graça pro subemprego*” e direto para exclusão. Somente 12,8% das pessoas negras (pretas e pardas), entre 18 e 24 anos, estudam em instituições de ensino superior no Brasil, segundo dados do IBGE de 2015. Essa exclusão educacional aliada ao racismo exclui a pessoa negra de um mercado de trabalho igualitário. Diante desse cenário, pode ser entendido que:

[...], a violência dispensada historicamente em proporção desigual das elites brancas contra a população negra jamais compôs as representações nacionais hegemônicas. Evidentemente, em um projeto de hegemonia, não caberia a coerção física, que certamente viria a fundamentar a resistência e a rebelião negra. Assim, vivemos numa farsa, um genocídio dissimulado, como se isso fosse possível (VARGAS, Pinho, 2016, p. 170)

Perante a breve exposição é possível compreender e identificar nos versos da música “A carne” os discursos de revelação das origens do fenômeno do genocídio do povo negro. A problemática apresentada na obra, especificamente em seu estribilho “*A carne mais barata do mercado é a carne negra*” denuncia a perduração do racismo nas veias da sociedade.

Combustível do genocídio, o racismo o mantém vivo no corpo social. A “lei da Vadiagem” é livusia do jovem negro na rua, e o “pé na cozinha” nos afasta dos grandes cargos e dos terreiros amaldiçoados. E a carne negra permanece com baixo custo para o Estado que proporciona a perpetuação do genocídio.

Nesta teia, o afro-brasileiro se vê tolhido de todos os lados, prisioneiro de um círculo vicioso de discriminação no - emprego- na escola- e trancadas as oportunidades que permitiriam a ele melhorar as suas condições de vida, sua moradia inclusive. Alegações de que esta estratificação é “não-racial” ou “puramente social e econômica” são slogans que se repetem e racionalizações basicamente racistas: pois a raça determina a posição social e econômica na sociedade brasileira. (NASCIMENTO, 1978, p, 82, grifo nosso)

## CONCLUSÕES

Em virtude do apresentado, “A carne” pode ser considerada um Soul de



protesto. A música ultrapassa a mera função de entretenimento e afronta o racismo da sociedade brasileira, convidando o leitor/ouvinte à reflexão.

Diante da exposição, concluímos que o racismo é o elemento principal do genocídio. Esse, por sua vez é estrutural, ou seja, presente em todas as áreas da nossa vida, e assim ele se naturaliza e se esconde, tornando-se mais cruel e perigoso, pois não permite uma imediata contra-ação.

Ainda fica evidente, por meio dos dados, a presença do Estado como verdadeiro diligente quando se trata de exclusão e supressão, e omissivo quando se trata da permissão do racismo estrutural. Assim o genocídio continua aniquilando o povo negro.

“Brigar sutilmente por respeito, brigar bravamente por respeito, brigar por justiça e por respeito” é o que povo negro - não formado apenas por um povo, mas por vários povos - fez e continuamos a fazer a fim de findar com esse genocídio. A música e a discussão constituem formas de tornar visível a morte da pessoa negra proveniente do genocídio, que mata o ser de forma simbólica e física; gerada no útero do lugar de fala, incomoda, perturba, grita a verdade e é criação da resistência.

## REFERÊNCIAS

COMPAGNON, Antoine. *O Demônio da teoria: literatura e senso comum*. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: UFMG, 1999. Não paginado.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Editora Ouro sobre Azul, 2006.

NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

HALL, Stuart. *Raça, Cultura e Comunicações: olhando para trás e para frente dos Estudos*

ADORNO, Sérgio. Racismo, criminalidade violenta e justiça penal: réus brancos e negros em perspectiva comparativa. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 18, p. 283-300, 1996.

GUARESCHI, Pedrinho. *Os Construtores da Informação: Meios de Comunicação, ideologia e ética*. Petrópolis: Vozes, 2000.

Uma análise das condições de vida da população brasileira 2015. *IBGE*, 2015.

Disponível em:

<https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimo>



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18  
outubro  
2019**

s/sinteseindicisociais2015/default.shtm. Acesso em 12 de maio 2019, às 15:35.

Mercado de Trabalho conjuntura e análise. *IPEA*, 2018. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/mercadodetrabalho/181031\\_bmt\\_65.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/mercadodetrabalho/181031_bmt_65.pdf). Acesso em 13 de maio 2019, às 15:42.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis: Vozes, 1999.

CARLOTTI, T. Juliana Borges, autora de “O que é encarceramento em massa?”. *Esculca*, 2018. Disponível em: <https://esculca.gal/9543-2/>. Acesso em 12 maio 2019, às 13:28.

UMA mulher morre a cada 2 dias por aborto inseguro, diz Ministério da Saúde. *Cofen*, 2018. Disponível em: [http://www.cofen.gov.br/uma-mulher-morre-a-cada-2-dias-por-causa-do-aborto-inseguro-diz-ministerio-da-saude\\_64714.html](http://www.cofen.gov.br/uma-mulher-morre-a-cada-2-dias-por-causa-do-aborto-inseguro-diz-ministerio-da-saude_64714.html). Acesso em 29 de maio 2019, às 16:48.

JÚNIA, R. Semana da Consciência Negra: desigualdade entre negros e brancos na saúde em debate. *FIOCRUZ*, 2016. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/semana-da-consciencia-negra-desigualdade-entre-negros-e-brancos-na-saude-em-debate>. Acesso em 28 maio 2019, às 17:49.

PESQUISA do IBGE aponta que a Bahia tem mais de 1,5 milhão de analfabetos. *GI*, 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/pesquisa-do-ibge-aponta-que-a-bahia-tem-mais-de-15-milhoes-de-analfabetos.ghtml>. Acesso em 28 maio 2019, às 14:28.

SÍNTESE de Indicadores Sociais confirma as desigualdades da sociedade brasileira. *GI*, 2003. Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/12062003indic2002.shtm>. Acesso em: 28 maio 2019, às 19:55.

IPEA. Mercado de Trabalho: conjuntura e análise. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/mercadodetrabalho/181031\\_bmt\\_65.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/mercadodetrabalho/181031_bmt_65.pdf). Acesso: 27 maio 2019, às 22:16.

VALADARES, C. Ministério da Saúde investe na redução da mortalidade materna. *Ministério da Saúde*, 2018. Disponível em: <http://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/43325-ministerio-da-saude-investe-na-reducao-da-mortalidade-materna>. Acesso em: 26 maio 2019, às 15:31.

SENADO FEDERAL. Assédio Moral e Sexual. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/procuradoria/proc-publicacoes/cartilha-assedio-moral-e-sexual>. Acesso em: 26 maio 2019, às 15:45.

ARAÚJO, L. VIOLÊNCIA E RACISMO. *Agência Patrícia Galvão*. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/violencias/violencia-e-racismo/>. Acesso em: 26 maio 2019, às 15:57.